

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



PRÁTICAS E ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS CULTURAIS DA CIDADE DA GUARDA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM PRODUÇÃO

Emanuel Gomes dos Santos

Guarda, 10/2019

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo apoio durante todo o processo de estágio e de realização do relatório. Agradeço o cuidado e o afeto, que tiveram comigo, durante estes dois anos, mesmo quando as coisas tinham tendência a complicar.

À minha orientadora Conceição Mendes, por me tentar orientar e tentar fazer este relatório chegar a bom porto. Agradeço a compreensão, os conselhos e a disponibilidade para me ajudar a transmitir o que pretendia, da melhor forma.

À minha coorientadora Andreia Carneiro, por sempre ter estado disponível para me ajudar ao longo destes dois anos de mestrado, com ênfase especial para o apoio na fase final.

Aos trabalhadores do Teatro Municipal da Guarda, especialmente ao Victor Afonso, programador e à produtora Raquel Pinto, pela maneira como me incluíram na equipa, e por terem feito do meu estágio, o mais agradável possível.

A uma maravilhosa amiga, Vanessa Antunes, por ter sido incansável no apoio que me deu. Por todos os conselhos, por todas as horas que passou comigo, sempre que algum obstáculo aparecia e principalmente pelo apoio na fase final e nos momentos de fragilidade.

A uma grande amiga, Joana Santos, por toda a compreensão, apoio e constante preocupação, tanto com o estágio, como com o relatório, mas principalmente comigo.

Aos meus amigos, que mesmo sentindo a minha falta, me continuaram a apoiar e dar força para concluir esta fase.

Índice

Agradecimentos	2
Introdução.....	4
Começo - Contextualização, Objetivos, Primeiros dias:	5
Ganhando Autonomia.....	9
Resolvendo o Puzzle – Pensando a Posição do Teatro	13
Rumores e Verdades: Perspetivas do Certo.....	24
Conclusão.....	34

Introdução

No âmbito da unidade curricular Estágio Profissional com Relatório Final do segundo ano de Mestrado de Teatro – Especialização em Produção, decidi continuar um trabalho já começado no ano anterior. Decidi, assim, ali, terminar a minha pesquisa sobre o Teatro Municipal da Guarda (TMG). O estágio decorreu entre 1 de Outubro de 2018 e 15 de Fevereiro de 2019.

A proposta foi aceite, dando-me, nesse sentido, uma maior capacidade de análise de um Teatro Municipal, a partir do seu interior e, a partir dessa posição, a capacidade de contrapor a sua atividade produtiva em a comparação com a de uma companhia de Teatro.

Com o este relatório, pretendo refletir a minha prestação enquanto estagiário numa estrutura cultural, e usar as ferramentas adquiridas ao longo do curso para compreender, efetivamente, como se realiza o trabalho de um Teatro Municipal, de uma cidade de porte médio do interior do País, desde as suas escolhas programáticas, passando pelas exposições na galeria de arte e pelo trabalho do serviço educativo, até aos afazeres de um assistente de sala.

Parti para este projeto com a intenção de descobrir em que ponto diverge, e em que situação converge, o trabalho de produção realizado numa estrutura pública de acolhimento. Em função de todos os trabalhos que realizei ao longo do primeiro ano do curso, com o objetivo de adquirir bases para estagiar num teatro de raiz pública, ao pedir para ir para o Teatro Municipal da Guarda (TMG), tinha, sobretudo, o intuito de procurar perceber o que significa trabalhar num teatro municipal com uma forte dependência, a todos os níveis, de uma câmara municipal (cm), desde a sua gestão à sua programação.

Para além da análise sobre a produção, pretende-se abordar neste relatório, questões acerca da posição e da atitude dos trabalhadores do TMG face à estrutura em que desenvolvem o seu trabalho, bem como as do cidadão comum e dos estudantes sediados na Guarda.

A estratégia concebida para as análises acima descritas, centrou-se, sobretudo, no acompanhamento da produção dos espetáculos agendados pelo TMG, durante o período de estágio, tentando perscrutar, aquando da sua realização, quais os desafios e especificidades de cada um deles. Aqui, a problemática relativa à pertença do TMG, ou não, a redes de programação, teve alguma importância na escolha do meu estágio.

Para além destas questões, houve a tentativa de se perceber qual a importância, na Guarda, dos públicos ali existentes, e o que os diferenciava, e o seu julgamento face às

escolhas da programação do TMG. Essa tentativa teve por base de estudo inquéritos e entrevistas, que contou com uma amostra de 120 pessoas.

Começo - Contextualização, Objetivos, Primeiros dias:

Desde crianças, que se ouvem ideias e discursos que ajudam a criar e moldar a mentalidade de cada um. Segundo Michelle Bissoli, em o *Desenvolvimento da Personalidade da Criança: O Papel da Educação Infantil*:

“É nos primeiros anos de vida que a criança aprende valores, normas de conduta e capacidades especificamente humanas e torna-se capaz de expressar-se de maneira singular diante do mundo: ela forma uma consciência cada vez mais complexa sobre os objetos e seu conhecimento, sobre as relações humanas e, sobretudo, sobre si mesma (a autoconsciência).”
(Pág. 4)

Assim como a melhor idade para uma criança aprender um idioma é entre os 3/4 anos e os 7/8 anos: “As crianças que começam aos cinco anos não são visivelmente melhores na fluência do idioma do que aquelas que começam a estudar aos dez anos.” Como afirma, Joshua Hartshorne, professor de linguagem do Boston College (com coautoria de Steven Pinker, psicólogo de Harvard), no seu novo estudo sobre a idade crítica do aprendizado de um novo idioma.

Não nos surpreendemos, então, que desde essa tenra idade, tudo o que ouvimos, no que se refere a valores éticos e morais seja absorvido, sem os questionarmos, fazendo-o, no entanto, mais tarde, na sequência das múltiplas experiências pelas quais passamos ao longo da vida.

Seja como for, é desde muito cedo que se começa a criar pensamento. Este, por sua vez, vai sendo moldado por uma rede de censura, rede essa que se começa a criar através das experiências de cada um. Como consequência, crítica a algo tão subjetivo como o gosto passa a ser uma constante. Robson Stigar afirma no seu artigo, presente no site NetSaber – Artigos, *A Estética E O Padrão Do Gosto Em David Hume*:

“Os indivíduos percebem a beleza de modo distinto, por isso " beleza não é uma qualidade das próprias coisas, existe apenas no espírito que as contempla, e cada espírito percebe uma beleza diferente" (HUME, 1973: 316). Por conseguinte tentar estabelecer uma beleza real ou uma deformidade real é infrutífero na mesma proporção de determinar uma doçura real ou um amargor real.”

O TMG explica na sua missão, presente no portal *online* da Câmara Municipal da Guarda¹, que se orgulha de ter uma programação com espetáculos reconhecidos a nível técnico e de qualidade. Ora, os requisitos para esse reconhecimento são, normalmente, a receção de prémios e de boas críticas. Na minha opinião, tanto uma coisa como outra são erradas a vários níveis: a) o primeiro requisito é muitas vezes escolhido por um grupo particular de pessoas, com uma bagagem cultural própria, e que dificilmente pode ser considerado o retrato da opinião da maioria das pessoas; b) o segundo requisito, as boas críticas, repete o mesmo padrão de comportamento. Porém, com a agravante de, na maior parte das vezes ser emitido por um único indivíduo, um construtor de opiniões, que tantas vezes influencia, bem ou mal, o público e a receção dos espetáculos programados. Reconheço que tanto um como o outro têm um objetivo muito definido: o de divulgar os objetos artísticos programados e que, bastas vezes, a sua intenção de chamar ou de afastar o público, resulta.

Gostaria, no entanto, que a programação dos teatros municipais, ou outros, não ficassem tão dependentes destes requisitos porque tantas vezes, sobretudo nos teatros municipais, elas suscitam, entre o entre o programador e o investidor, leia-se, aqui, câmara municipal, alguns debates bastante acesos sobre o que pode e o que não pode ser feito.

Se para um lado, neste caso para o programador, o mais importante é o produto artístico e a perceção de que o que está a ser oferecido é cultura, para o outro lado, no caso do investidor, existe um lado material, um retorno monetário que precisa existir.

Pergunta-se, então, a bem do cumprimento dos objetivos das estruturas culturais municipais, onde começa o poder de um e onde acaba a vontade do outro. É *vox populi* que a liberdade de um começa onde a do outro acaba. Na minha opinião esta questão deveria estar, à partida, muito bem definida no que é a missão destas estruturas culturais, e foi essa a razão pela qual regressei à cidade que me viu nascer.

Embora considerando que o meu retorno à Guarda foi um retorno a terreno seguro – o que, para muitos, foi considerado como um “retrocesso” na minha vida académica e pessoal – entendi que era ali que poderia desenvolver um bom trabalho no questionamento e na procura de soluções para as questões relacionadas com todos os motivos já por anteriormente enunciados. Era no dia-a-dia daquele Teatro Municipal que eu gostaria de

¹ Verificar na Webgrafia

desenvolver o meu estágio e este tipo de trabalho: o do confronto do quotidiano de um teatro público com o de uma estrutura privada.

Portanto, a escolha de lugar para o meu estágio curricular deriva, principalmente, da curiosidade em perceber quais as principais diferenças entre a produção numa companhia (uma experiência que tivera oportunidade de ter no “Teatro do Eléctrico” no decurso do meu estágio curricular de licenciatura) e uma estrutura pública de acolhimento.

Depois de pensar onde fazer esse estágio, concluí que poderia ser interessante e desafiante escolher uma cidade mais pequena que Lisboa, de forma a analisar como é que a sua localização (geográfica, demográfica, social e cultural) influenciava, em ambas as situações, tanto a programação cultural e artística, como a sua própria dinâmica. Ao longo do primeiro ano de Mestrado fui realizando trabalhos com o objetivo de perceber melhor esta realidade.

O Teatro Municipal da Guarda tem uma programação muito diversificada e transversal. Da sua programação fazem parte espetáculos de música, de dança, teatro, cinema, iniciativas de serviço educativo, entre outras. Possui dois auditórios, uma sala de ensaios, um café concerto e uma galeria de arte.

Pretendi, então, através do “trabalho de campo”², observar e participar nas dinâmicas de funcionamento geral do Teatro. Durante o estágio, tentei acompanhar a produção dos diferentes espetáculos, assim como das iniciativas no âmbito do serviço educativo e do sector de Intervenção Cultural Animação e Associativismo (ICAA). As minhas responsabilidades passaram pela prossecução das seguintes tarefas:

- Apoio ao trabalho de Produção Executiva das atividades de programação do Teatro Municipal da Guarda,
- Assistência no planeamento no plano de Comunicação e Imagem do Teatro;
- Assistência e acompanhamento das atividades extraprogramação e no âmbito do Serviço Educativo;
- Realização de tarefas relacionadas com organização de informação interna, arquivo e material logístico (cenografia, adereços, material técnico, etc.).
- Apoio no contacto de artistas, agentes e companhias artísticas numa cooperação com o Programador do Teatro.

² Trabalho de campo, neste documento, corresponde à fase de observação, coleta, análise e interpretação de fatos que ocorrem dentro de cenários e ambientes naturais de vivência.

No primeiro dia de estágio, depois de algumas conversas com o coordenador e programador, foi abordado o meu horário administrativo, para que eu pudesse observar a dinâmica de trabalho: quem, quando, e que tarefas competiam a cada um dos trabalhadores. Esta situação manteve-se durante algumas semanas tendo sido, depois abandonada. Dela falarei posteriormente.

Numa adaptação difícil ao “terreno”³, fui inserido no sector do Serviço Educativo, pelo facto de previamente ter conhecido os responsáveis pelo mesmo, fora do âmbito profissional. Dentro do Serviço Educativo, acompanhei a produção de atividades dentro do Plano Nacional de Cinema (PNC): visitas à exposição de Arte e a Viagem Sonora.

Visitas à Galeria de Arte

No primeiro edifício do Teatro, por cima do café-concerto, está a Galeria de Arte que recebe exposições tanto de artistas nacionais, como de galerias e museus. O trabalho deste departamento começa assim que a agenda é disponibilizada. A exposição *KWY* teve lugar em outubro. Refira-se que no início do meu estágio os trabalhos já estavam a decorrer. Um representante da Fundação Serralves, atual detentor das obras, realizou uma formação para os trabalhadores do TMG, de forma a estarem aptos a realizar as visitas guiadas e outras atividades de forma a despertarem o interesse, para os temas em debate, dos jovens estudantes e participantes.

No momento em que a agenda se tornou pública, os trabalhadores do Serviço Educativo contactaram, de imediato, as escolas, de forma a conseguirem gerir, eficazmente, e dentro das disponibilidades de tempo existentes, o número de turmas que aceitavam o convite para irem visitar a exposição. Neste caso, o público-alvo eram os estudantes do ensino secundário, profissional e superior.

Depois de enviados os *e-mails*, foi possível perceber que as escolas/turmas que aceitaram o convite, foram as que possuíam alguma ligação à arte, nomeadamente os alunos do curso superior de Animação Sociocultural e os estudantes da área de Artes do ensino secundário.

Estive presente em todas as visitas como representante da produção do TMG. O trabalho passava pela preparação da sala, organização das atividades, certificação de que tudo estava pronto e assegurado para começar e proporcionar uma boa experiência ao possível novo público do teatro.

³ Entende-se por “Terreno”, neste trabalho, como o local onde decorreu o Estágio. Neste caso, o Teatro Municipal da Guarda.

Sessões do Plano Nacional de Cinema (PNC)

Sendo um dos principais objetivos do Serviço Educativo a aproximação a novos públicos, o TMG, vendo nesta adesão um fator possível de criação de públicos, aderiu ao Plano Nacional de Cinema (PNC).

As sessões do PNC são criadas com base em listas de filmes já predefinidas. Os trabalhos de produção destas sessões assemelham-se aos das visitas guiadas à Galeria: um primeiro momento de contacto com as escolas, a procura de datas e disponibilidades para a receção dos visitantes e, no cumprimento da minha tarefa de representante da produção do TMG, a receção aos alunos. O PNC pretende atingir estudantes desde o ensino básico até ao ensino secundário.

Caixinha de Música

Esta foi a iniciativa de Serviço Educativo que acompanhei para um público-alvo mais novo. Uma iniciativa que repetiu as mesmas tarefas que as anteriores, mas que se desenvolvia através de uma aula de música que levava os estudantes pelos vários equipamentos dos vários pisos do Teatro.

O objetivo do TMG de conseguir novo público pode ser percebido através das várias atividades que coloca na sua agenda de Serviço Educativo. Porém, este será um assunto discutido de uma forma mais alargada em um outro momento deste relatório.

Ganhando Autonomia

Com o passar do tempo, fui ganhando lugar na equipa, percebendo a dinâmica de trabalho e como podia ir colaborando.

Comecei por acompanhar a produção dos diversos projetos de Serviço Educativo, em seguida foi-me proposto que tratasse da produção executiva do evento: Grande Guerra 100 anos depois - Postais da Grande Guerra. Uma exposição de fotografias, organizada pela Liga dos Combatentes da Guarda, sobre a Primeira Guerra Mundial e que o TMG acolheu no seu foyer de 8 a 30 de Novembro de 2018. Durante este período, a Liga disponibilizou-se para realizar quatro sessões, uma por dia, para algumas turmas do 3º Ciclo, das escolas da Guarda. Estas eram de logística simplificada: a preparação do espaço para a projecção de um breve filme, a receção aos alunos, e por fim o encaminhamento do

público para a saída. Foi um procedimento repetido durante quatro dias de forma a conseguirmos ter certeza que tudo corria segundo o plano previamente estipulado, tendo contado com 60 visitantes.

Esta experiência foi enriquecedora porque permitiu perceber no terreno, a variedade de propostas que o TMG recebe e desenvolve, e como consegue criar aproximação com um segmento de público que difere do dos espetáculos.

Foi também importante entender, que mesmo que houvesse dois projetos planeados para o mesmo espaço e não podendo, ambos, coexistir fisicamente – a galeria de arte estava ocupada com outra exposição – o Teatro não recusou o projeto. A exposição da Liga dos Combatentes teria sido planeada para o Café-Concerto, no entanto uma outra exposição de porte mais pequeno, acabou por ficar com esse lugar. Transportando a exposição da Liga para o foyer do TMG, foi possível aceitar a proposta, providenciando aos alunos das escolas que tiveram a oportunidade de assistir, ouvir e aprender História de uma maneira diferente da que estão habituados nas escolas, visto que substituem as secretárias e o quadro branco, por um ambiente diferente do que estão habituados.

Provando a minha capacidade de trabalho através deste, e depois de alguns outros trabalhos mais pequenos, acabei por reunir com o coordenador do Teatro e a com a produtora, a fim de que fossem definidos, para mim, outros objetivos.

Nessa reunião foi-me comunicado que iria tratar da produção de dois espetáculos, que o TMG acolheu: *SYN.Tropia*, uma criação de Yola Pinto e Simão Costa, criado a partir de uma encomenda do São Luiz Teatro Municipal. Este, um espetáculo com uma logística própria, por ser um espetáculo pensado para surdos. O outro, o espetáculo *Pela Água* de Tiago Correia, uma produção da companhia A Turma, interpretado pelos atores João Melo e Eduardo Breda.

SYN.Tropia

Quando assumi a produção deste espetáculo, já existiam comunicações prévias, assim como grande parte da pré-produção já estava concluída. É importante também salientar que este espetáculo tinha sido pensado para surdos. Na cidade da Guarda, está sediada a Associação de Surdos da Guarda, fazendo com que esta iniciativa tenha ganhado uma importância maior.

Foi partilhado comigo, pela produtora do Teatro, Raquel Pinto, um plano de produção que possuía alguns pontos por esclarecer, mas que, no entanto, já tinha grande parte dos seus objetivos resolvidos. Ao folhear as páginas do plano de produção, descobri

que estaria também responsável pela ação de formação que seria realizado pelos criadores no mesmo sítio do espetáculo: a caixa de palco.

Dadas as características do espetáculo, para surdos, este local exigia, para a sua concretização, uma logística complicada. Nele, teria de ser construída uma plateia e esta teria de ser adaptada ao número de tábuas de “escuta tátil” que os criadores possuíam. A “escuta tátil” foi um dispositivo criado, em residência com a associação de surdos de Lisboa, com a qual, através das vibrações enviadas pelas colunas, o público, especialmente o público surdo, poderia ter uma perceção do som do espetáculo.

O meu trabalho começou, efetivamente, depois de uma fase de pré-montagem, que incluiu a montagem da plateia e a colocação dos projetores, no dia em que os artistas chegaram.

Em virtude de um projeto trazer sempre diferentes questões em aberto, por resolver, e novas questões quando tudo começa a ser concretizado, tentei sempre estar presente em todas as fases da sua montagem. Acho indispensável que num acolhimento, não só para tornar a passagem dos criadores pelo teatro mais enriquecedora, como para agilizar os trabalhos, estar presente e acompanhar todos os passos do espetáculo. Presenciei e ajudei na implementação da “escuta tátil” na plateia. Este dispositivo, por exemplo, a dar razão à necessidade da minha constante presença na montagem, teve uma implicação no número de lugares da plateia, o que acabou por fazer com que houvesse mudanças na sua estrutura. A complexidade das montagens resultou em que tivesse de haver algumas mudanças nos horários dos trabalhadores exigindo, de mim, e da equipa do TMG, pedidos de autorização à autarquia, para que os mesmos acontecessem.

O espetáculo decorreu na caixa de palco, e informara-nos previamente que iria haver público com problemas de mobilidade, algo que tivemos de confirmar no início de cada sessão, a entrada do público teve de se resolver com antecedência, mudando da entrada dita “normal” para uma criada para o efeito. A acessibilidade física foi algo que estava presente quando a arquitetura do TMG estava a ser pensada. Os acessos aos auditórios, galerias de arte, e café-concerto são facilmente acessíveis pelo público de mobilidade reduzida.

Existiram duas sessões deste espetáculo: a primeira, durante a tarde de uma sexta-feira, 18 de Janeiro de 2019, e criando a oportunidade para que organizações da Guarda, convidadas para o efeito, entre elas a Associação de Surdos da Guarda e instituições ligadas a pessoas de mobilidade reduzida ou condições especiais, pudessem usufruir da sessão, através de convite, alargando, assim, o público-alvo habitual do TMG; a segunda,

uma sessão à noite, para o público frequente e para alguma associação que por alguma razão não tivesse conseguido comparecer à sessão anterior.

A sessão da tarde foi realizada em parceria com o Serviço Educativo. Embora tenham existido várias escolas e instituições a aderir aos convites, o pouco tempo em que o espetáculo ficou no TMG, e as condições a que a sala obrigava, a saber, a “escuta tátil” e a sua apresentação na caixa de palco, não permitiram que muita gente dele usufruísse. Estas condicionantes mais a questão da brevidade dos dias em cena, fazem com que esta iniciativa não tenha o alcance que poderia.

Este projeto teve também uma vertente prática: um ação de formação com ambos os criadores. No plano de produção, que recebi no início do acolhimento, estava mencionado que seria da responsabilidade da estrutura de acolhimento assegurar os materiais necessários: o espaço e um assistente que pudesse encaminhar as pessoas. Estas tarefas foram todas executadas por mim, visto que eu já tinha acompanhado as montagens, dialogado com os criadores, e também, neste ponto, já assistido a um dos dois espetáculos que decorreram na caixa de palco do grande auditório.

Pela Água

O segundo projeto foi o espetáculo *Pela Água*, do Tiago Correia. Assim como no anterior, antes de o projeto estar sob a minha alçada, já tinha havido um trabalho de pré-produção. Na fase da produção existiram alguns imprevistos, como mudanças do número de pessoas da equipa que se iria receber: no início uma equipa de 11 elementos, e no final, apenas 6 conseguiram aparecer, e complicações com os transportes, sendo que foi colocado em cima da mesa, ser o TMG a ir buscar os atores, devido a imprevistos nos transportes de cada membro da equipa.

Uma das questões que teve de ser resolvida foi a mudança de local: o espetáculo também iria decorrer na caixa de palco, utilizando a mesma plateia que o anterior, porém, a decisão final recaiu sobre o auditório grande, principalmente devido a razões logísticas referentes aos cenários e aos requisitos do desenho de luz. A ligação entre o TMG e a produção do espetáculo, inerente à concretização do seu acolhimento no TMG, estava a ser feita por mim, mas não tive a capacidade de resolver, de imediato estas questões, visto que o orçamento para a sua concretização não me tinha sido comunicado. Nas primeiras trocas de *e-mails* tive de pedir ajuda à produtora do TMG, Raquel Pinto. Um outro ponto que estava por resolver, e com o qual eu nunca tinha lidado, era a questão da cedência de direitos de autor. Foi, entretanto, resolvida.

Com a chegada da equipa criativa tentei seguir uma abordagem similar ao espetáculo anterior: acompanhar toda a montagem do espetáculo de forma a poder estar o mais próximo possível do mesmo e poder ser o mais eficiente e rápido que pudesse na resolução de qualquer problema que viesse a existir. A montagem do cenário correu conforme o planeado, assim como a técnica.

Durante este processo, o departamento de comunicação sofreu algumas críticas, devido a um erro na publicidade do espetáculo. A sinopse usada foi a de uma versão anterior do espetáculo. O erro foi detetado pelo encenador Tiago Correia, que me procurou diretamente para que o problema fosse resolvido. Embora tivesse uma situação aborrecida, os intervenientes resolveram-na bem, a publicação foi apagada e rapidamente substituída pela correta, não dando azo a que a mesma se tivesse tornado num ponto de confronto entre o criador e a estrutura.

Este espetáculo teve uma única sessão, no auditório grande, com parte da plateia central preenchida. No momento da desmontagem, depois de ter acompanhado a montagem, estive à vontade para poder ajudar no final, tornando esta tarefa mais fácil e mais rápida.

Resolvendo o Puzzle – Pensando a Posição do Teatro

Neste estágio, para além das questões práticas de que abordei no ponto anterior, existiram outras às quais dei atenção. Uma delas passa pela abordagem à História da Guarda e do seu Teatro Municipal, ao território e aos seus hábitos culturais, referimos os eventos anuais e as iniciativas culturais que envolvem as associações.

Começando pela cidade: a Guarda é a cidade mais alta de Portugal, como refere o artigo realizado por Emanuel de Castro e Ana Lopes: *O Conforto Térmico Urbano e o Ordenamento do Território na Cidade da Guarda: Utilização dos Sistemas de Informação Geográfica e da Geoestatística*, que tem por objetivo: “No caso da área de estudo a última sobrepõe-se à primeira, fruto da topografia, em especial dos valores de altitude registados na cidade da Guarda, que a tornam na mais alta de Portugal. (Pág. 11)

Também conhecida pelos seus 5 f’s: “Forte, Fria, Fiel, Farta e Formosa”. Uma das características inconfundíveis da cidade, que lhe rendeu um dos seus adjetivos delineadores é o seu clima invernal, em comparação ao restante país, o que explica muitas vezes a relutância da população em comparecer às atividades culturais. Algo comprovado

nas respostas aos inquéritos e entrevistas, realizados durante a investigação para este relatório. Esta adversidade faz com que o TMG tenha na fidelização de público um caminho mais tortuoso, requerendo muita estratégia e adaptação os seus auditórios e galeria de arte tenham o público que poderiam ter.

A arquitetura única do TMG não é muito apreciada pelos moradores, como foi possível concluir através das entrevistas realizadas. O longo caminho, desprotegido das intempéries, que os moradores da cidade têm de calcorrear para lá chegar, tornou-se uma desvantagem para o Teatro e uma forte razão para que o público decidisse que não valia a pena aventurar-se a assistir a espetáculos no TMG.

Felizmente este comportamento não passou despercebido ao equipamento cultural. Como forma de o contrariar este decidiu construir um túnel que ligasse o estacionamento privado – que passou a ser gratuito nos dias espetáculos, algo que também agradou a grande parte do público, especialmente ao frequente – à entrada principal, onde está a bilheteira. Fácil de percorrer e construído através de rampas, este túnel surgiu como uma solução para todos os que se escusavam de comparecer aos espetáculos usando o frio como pretexto. Estou convencido de que esta é uma decisão que pode trazer frutos a longo prazo, visto que segundo o presidente da autarquia, numa entrevista concedida ao Jornal do Fundão, no dia 25 de Junho de 2019, que está disponível *online*: “A construção de um acesso pedonal coberto entre o parque de estacionamento e a entrada principal do TMG era uma obra há muito solicitada pelo público.”

A Guarda tem uma forte relação com o seu grande património cultural, a saber, por exemplo, a sua zona histórica, a Sé-Catedral e a Judiaria, sendo estas, parte das principais atrações turísticas da localidade. Desenvolve, ainda, várias iniciativas culturais tais como o espetáculo de Carnaval *A Morte do Galo* e mais recentemente a Feira Ibérica de Turismo - FIT. Todo o valor depositado nesta relação pode ser comprovado pela candidatura a Capital Europeia da Cultura de 2027. Como foi explicitado pelo anterior presidente Álvaro Amaral, numa entrevista à Lusa, publicada no *site* do jornal Público, no dia 10 de Julho de 2017, no qual falava desta candidatura: “como uma cidade de uma riqueza patrimonial muito importante, que é reconhecida, e com uma componente cultural cada vez mais intensa”

Vejamos, por exemplo, a anual Morte do Galo: Este é um espetáculo que acontece no Carnaval e que junta associações culturais e recreativas em parada no momento que antecede, ou segue, o Julgamento do Galo. O julgamento público, sentença e morte do galo é, segundo o *site* do Julgamento e Morte do Galo:

“um curioso ritual de expiação, uma catarse colectiva que expurga as culpas individuais e colectivas, imputando ao galo a responsabilidade por todos os desmandos e acontecimentos grotescos acontecidos na localidade ao longo do ano: questões passionais, desvio de águas da rega, mudança de marcos divisórios das terras, desavenças viciniais, adultério...”

Este é um dos exemplos de celebração que atrai a população local e que a obriga a ausentar-se de suas casas e a nela participar. Perguntei-me a razão por que o Carnaval tem essa força! O facto de ser algo que acontece anualmente pode interferir diretamente e proporcionar uma maior disponibilidade.

Dito isto, coloca-se, então, a seguinte questão: um espectáculo no Teatro Municipal, ou uma exposição de arte temporária, também é algo que só acontece uma só vez. Afinal existem companhias que só vieram uma vez à cidade, desde que o TMG abriu, como por exemplo o Teatro do Eléctrico. Então, porque é que um consegue mover toda a cidade e o outro não consegue preencher o auditório pequeno? A principal diferença é o ato em si! Ir ao teatro é uma tarefa *per si*. Podemos notar pela forma como as pessoas tratam ambos os eventos: para descrever a ida à Morte do Galo, por exemplo, ouvem-se pessoas dizer: “Vou à Morte do Galo” – evento bastante conhecido. No entanto quando se fala de uma peça no teatro, a maioria refere: “Vou ao Teatro” – apenas depois de alguém questionar o que vão assistir é que elas, caso o saibam, o referem.

Para comprovar isto, temos o exemplo do espectáculo “Eu Saio na Próxima, e Você?”, com a Marina Mota e João Baião. Baseado nos números da bilheteira que revelam que os bilhetes esgotaram e comparando-os com a adesão a outros espectáculos, torna-se perceptível que existe uma relação direta entre a popularidade do elenco local, por exemplo, no caso d’O Julgamento do Galo, ou a nível nacional, por exemplo, no caso dos artistas já mencionados, e a comparência do público. Ou seja, frases como "vou ver x espectáculo " ou "vou ver x pessoa " tornam se comuns.

O público da Guarda adere bastante aos eventos culturais quando estes envolvem associações recreativas do distrito. Estas são compostas por várias pessoas com ligações à população e ao território. Bastantes se conhecem e todos são reciprocamente, públicos uns dos outros.

Olhemos para o Concurso da Boneca! Cada associação cria uma boneca, concebendo uma história, dando-lhe um motivo para existir, justificando a sua escolha para o público em geral, e desenhando toda a roupa e conceito da mesma.

No final destes eventos, as bonecas competem entre si e participam num desfile. Este é organizado para as associações poderem mostrar as suas criações, e se mostrarem

a elas próprias. Aqui, a população vota na melhor boneca, e o júri da competição também. Este tipo de evento junta muitas pessoas. Percebe-se, assim, que este tipo de iniciativas culturais, com base na experiência social, tem uma enorme importância na cidade, e para a cidade, e cria muito público. Dentro do TMG existe um departamento denominado Intervenção Cultural Animação e Associativismo (ICAA), que está responsável pela organização destas datas.

A programação do TMG é maioritariamente inclusiva, conseguindo ter espetáculos variados e para vários públicos, se acedermos à agenda *online*, presente no *site* do Teatro podemos comprovar isso. No entanto, ao analisarmos a sua agenda e antes de abordar o seu lado político, podemos perceber algumas coisas: que tipo de público é que o TMG pretende atingir?

Durante o primeiro ano de mestrado analisei teoricamente esta questão, no âmbito da unidade curricular: Análise e Desenvolvimento de Públicos. Através do método de segmentação, que ajuda a dividir o público-alvo, com a finalidade de tornar mais eficiente e direcionada a proposta, neste caso, da sua programação e com a ajuda do próprio programador, foi possível concluir que o TMG possui três tipos de público diferente:

1) Público Fiel

Como concluiu o programador, depois de a estrutura ter realizado inquéritos para a caracterização do público, verificou-se que este público era constituído por professores, alguns alunos do Instituto Politécnico e pessoas que estão ligadas ao teatro. Este é um público que pode até nem saber o que vai ver, mas é interessado pela arte e curioso;

2) Público por Afeto

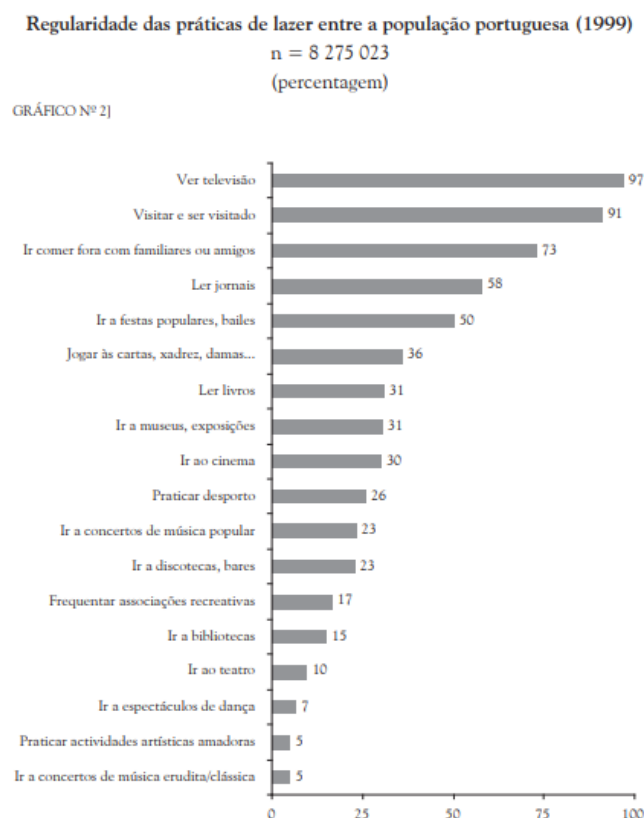
Faz parte deste grupo, grande parte da população da cidade. Esta situação nota-se pelos espetáculos que esgotam, dias antes, devido a laços pessoais ou de estima, por alguém presente no elenco ou na equipa técnica. Estes casos, acontecem, normalmente, em espetáculos que decorrem no grande auditório;

3) Público de Cinema

Este é um público muito específico. Durante a minha investigação, realizei algumas entrevistas com o programador Victor Afonso. Numa das quais, durante o debate sobre o público do Teatro, ele referiu: “Temos sempre o mesmo número de pessoas e até desconfio que sejam sempre as mesmas”. Os filmes selecionados para serem exibidos nesta estrutura, contrastam com as ofertas comerciais da dos cinemas, de forma a complementar a oferta cinematográfica.

Durante o estágio, consegui entender todas as situações relatadas anteriormente. Percebi, durante a leitura do estudo *Democratização Cultural e Formação de Públicos: Inquérito aos “Serviços Educativos” em Portugal*, que já em 1999, a televisão era o principal meio de entretenimento da população, compreendendo assim, que o público da Guarda era vítima do desenvolvimento tecnológico e audiovisual, como é possível ver na tabela a seguir:

Acompanhando esta tabela, cito a descrição de uma realidade dos dias de hoje:



“Os inquéritos às práticas culturais permitem ainda traçar perfis diferenciados de praticantes cruzando a regularidade com os recursos sociais detidos pelos respectivos praticantes. Neste aspecto o que importa sublinhar é a influência determinante de factores como o sexo, a idade, os capitais escolares e o grupo profissional. (...) práticas de lazer pela variável escolaridade – por ser aquela que, de uma forma global, mais sobredetermina a condição de praticante cultural regular”. (Lourenço et Al, 2009: 86)

O preconceito de que específicos tipos de lazer são reservados a uma elite ou a um nicho de pessoas é algo presente quando se fala em teatro. Um exemplo muito comum dessa situação, é por exemplo exposições e ópera serem vistos como entretenimento para pessoas com mais escolaridade, e no seu oposto os bailes de verão ou a revista que são eventos para um público mais geral.

“Reconheceu-se o 'desconforto' de certo público em determinados eventos culturais, como estreias de espetáculos ou inaugurações de exposições. Parecem existir certos códigos de conduta que nem todos dominam e que podem excluir. É importante perceber o porquê da distância da população aos espaços culturais e o porquê desse elitismo formal provocar desconforto e ausência de novas pessoas, público.” (Acesso Cultura, 2018)

Esse preconceito começa logo no momento em que se decide ir ver um espetáculo. Desde o momento que se compra o bilhete, o evento passa a ser o centro do dia. Combinamos as horas a que temos de estar à porta do teatro, ou a que horas se encontra o grupo todo, depois disso é toda a correria em casa para chegar para cumprir horários. Cumprir também uma estética de vestuário, delineada por ninguém, sem ser por nós mesmos. Ir ao teatro, a um concerto, ou a um festival deixa de ser sobre a experiência cultural, e torna-se uma experiência de social sobre quem é o mais bem vestido(a), quem apareceu tarde, quem desrespeitou as regras, fazendo-se desta maneira a seleção de quem é pertence ou não numa sala de teatro, através de olhares de canto do olho, e caras de julgamento, infelizmente não preciso de nenhum livro para me dizer que isto é verdade, porque posso escrever pela minha própria experiência. A tecnologia e o seu desenvolvimento vieram expandir o leque de escolha e oferecer isso através do conforto do lar.

“O efeito geracional nos consumos/práticas culturais pode ser entendido, em grande parte, como resultado das transformações estruturais na cultura contemporânea, marcada pelas dinâmicas introduzidas com o audiovisual e as novas tecnologias de informação e comunicação. Com efeito, a versatilidade destes suportes dá à criação artística uma larga margem de experimentação e criatividade, proporcionando uma oferta cultural diversificada e inovadora. O aumento e diferenciação da oferta estimulam a procura e amplificam interesses e gostos diferenciados. Nesse sentido, as novas gerações são portadoras de práticas e representações que, de certa forma, “interpelam a tricotomia convencional entre cultura erudita, de massas e popular” Gomes (2009)

Estas inovações trazem novos recursos e possibilitam a criação de diferentes experiências. Com estes recursos, uma pessoa com uma boa criatividade é capaz de idealizar e tornar real algo que vai entrar em confronto com o que existia anteriormente, chamando a atenção de um nicho do público que procura algo diferente da oferta normal dos teatros e estruturas de acolhimento. No presente, muitas estruturas já trabalham para esse público, seja com uma programação mais alternativa, ou eventos pontuais. Neste ponto, o Teatro Municipal da Guarda não fica atrás, conseguindo uma programação variada e conseguindo atingir diferentes públicos. A falta de sucesso deve-se ao preconceito e mentalidade criada pela sociedade, como escrevi anteriormente.

É preciso existir uma boa motivação para as pessoas se levantarem do sofá para se dirigirem ao Teatro, que é usualmente a presença de alguém na ficha técnica que chame à atenção, ou com quem se possua laços afetivos.

A fusão do TMG com a Câmara Municipal da Guarda (CMG) é algo recente, que antes era regido por uma empresa municipal. A junção do TMG e da CMG trouxe algumas mudanças. Os recursos humanos adaptaram-se a esta reestruturação, foram rescindidos contratos para a integração dos funcionários camarários, que tinham vínculo permanente com a entidade. Pelas próprias palavras do coordenador, o interesse da Câmara na agenda, também cresceu, assim como os seus pedidos para utilizar os auditórios ou o café concerto do TMG. A agenda cultural do Teatro Municipal da Guarda pode conter alguns detalhes interessantes. Uma dessas coisas é o facto de existirem eventos definidos como “extraprogramação”. Estes eventos são pedidos da CM, um jogo de cintura entre o programador e a autarquia. O dinheiro que mantém o TMG no lugar e em funcionamento é o da autarquia, isto implica a que exista este equilíbrio na utilização do espaço. Existiram, durante a produção dos dois espetáculos que me foram passados, algumas questões que envolviam saber o orçamento para os mesmos, no entanto eu não tinha essa informação, e quando levava essas questões à produtora, era sempre pedido que eu reencaminhasse os *e-mails* para ela, para que ela pudesse resolver. Existem algumas coisas que o Teatro mantém debaixo de uma cortina de sigilo, dando um exemplo, quando eu perguntei se existia algum tipo de estudo de públicos, para um trabalho de primeiro ano de mestrado, a resposta foi que existia, mas que não era acessível ao público.

Durante a unidade curricular de Políticas Culturais, lecionada pelo professor Rui Matoso, foi discutida várias vezes a situação de Portugal e a diferença entre democracia cultural e democratização cultural. Sempre discutindo os prós e contras de ambos os casos. No caso da Guarda, estamos na presença da democratização cultural. Dando um pouco de contexto do que significa este palavrão, democratização cultura é a situação em que a autarquia, absorve para si a responsabilidade de conceder, aos cidadãos, acesso à cultura, que é provado pela citação anterior. Assim como em qualquer situação em que exista simbiose, ambas as partes têm de possuir vantagens na sua relação. No caso do TMG, um dos lados aproveita o investimento monetário que é feito, e o outro vai criando as suas próprias vantagens, ao longo do tempo e com as questões que forem aparecendo. Exemplo: a Câmara Municipal tem acesso à agenda cultural, antes de ser mostrada ao público. Isto é, antes da conferência de imprensa da amostra da mesma, a Câmara já teve

acesso à mesma e colocou ou não o seu carimbo de aprovação. Desde 2015, que a população da Guarda notou diferenças na programação, nas palavras de algumas pessoas “se tornou mais popular”, no entanto existe uma pergunta na boca das mesmas pessoas: “Para quê ter uma programação mais popular se depois quando se vai comprar bilhetes não há?” Esta situação não é nova, e é uma queixa que muita gente atirou, quando conversei com elas. A questão é que eles têm razão, em eventos com uma celebridade ou um *a-lister*, parte dos lugares está já ocupado pelos membros da Câmara. “Se a Câmara é o único apoio, se são eles que mantêm o TMG de pé, é normal que exista uma relação de submissão em relação a ela.” – Isto foi o que um professor da área me disse, depois de eu explicar a situação. Percebo esta situação e irei problematizar mais à frente neste relatório, assim como outras questões que irei pensar, refletir e tentar solucionar.

Uma das razões que me fez querer estagiar no Teatro Municipal da Guarda, foi a curiosidade de perceber qual a diferença entre o trabalho de produção numa companhia e numa estrutura de acolhimento.

Durante o ano de 2017, estagiei na companhia Teatro do Eléctrico, onde tive a oportunidade de experimentar o trabalho de produção. Durante este período, acompanhei algumas digressões, e tive oportunidade de conversar com diferentes profissionais de estruturas de acolhimento, o que resultou num crescimento da curiosidade do que seriam as tarefas dos mesmos. Durante este estágio curricular no Teatro Municipal, percebi que as tarefas do mesmo, passam exatamente pelas questões de um anfitrião. Tratar e fazer com que a passagem dos criadores seja agradável e o mais prático possível, tratando de todas as necessidades para tal: desde o alojamento, às refeições, se for necessário, os transportes, e outros problemas que podem ir aparecendo pelo caminho. Um encenador disse uma vez: “O trabalho de produção é o equivalente ao de relações públicas.” De facto, o trabalho de produção exige, mais do que uma formação académica, de capacidades humanas, de capacidade de improvisação e de pensamento rápido. Um produtor é a cara da companhia, e também da estrutura, sendo a primeira pessoa que se contacta, torna-se a base de onde se começa a criar uma imagem da pessoa/grupo/estrutura que está do outro lado. Durante o estágio na companhia, o meu trabalho passava por realizar contactos, ajudar na gestão e elaboração de conteúdos, ajudar na planificação das digressões entre outras coisas, visto que como elemento da produção, acabava por passar por todos os campos do trabalho de organização da companhia.

Depois de experienciar ambos, torna-se claro para mim que o peso que é colocado nos ombros de um produtor numa companhia, é superior. Numa companhia o encenador tem o trabalho de criar um espetáculo e de o tentar trazer para a realidade, no entanto é pelas mãos do produtor que o primeiro consegue trazer para o mundo real tudo o que imaginou. "Eu estou a pensar em x" ou "Eu quero x", são palavras que o produtor irá ouvir numa base regular, ao mesmo tempo que a pressão nos seus ombros aumenta. Todos os elementos do projeto são essenciais, no entanto quando o projeto começa a ganhar forma, todos os problemas acabam por cair em cima da produção: falta alguma coisa, é necessário x. A produção acaba por ser um género de faz tudo.

O que começou com uma análise de comparação entre tarefas, acabou por se tornar num estudo de comportamento social, dentro do Teatro e em como isso afeta o seu trabalho no geral. Um problema de diálogo que existe desde que me lembro, entre as autarquias e os artistas, em que cada parte atira para o outro, na esperança em que um dos lados se submeta. Por vezes em conversa com pessoas que vivem nesta cidade desde que nasceram, consigo perceber um conformismo e passividade em relação a todas as coisas que envolvam a autarquia. "O Carnaval é o único dia em que as pessoas podem dizer o que pensam", frases como esta são, na minha opinião, bastante preocupantes, e é assustador, as vezes que as ouvi em conversa, durante a semana em que ocorre essa festividade. O facto de o principal investidor do TMG ser a CM da Guarda, embora pelas palavras do programador seja uma coisa boa, eu entendi que podem existir problemas e fricções. Nunca se percebe muito bem onde começa e onde acaba o poder do programador. As agendas têm de passar sempre pelas mãos da CM, antes de saírem para público. Vamos refletir agora, no que acontece se a pessoa que esteja à frente da CM não aprecia as escolhas feitas pelo programador, existe uma ordem de voto? Podem mudar a decisão do programador? Para que serve então o programador? Serve como um intermediário, que é enviado em missões de reconhecimento, para poder chegar e dizer que propostas existem e fazer uma pequena filtração, e entregar ao investidor, para ele poder decidir se vale o dinheiro que ele investiu. Se for aceite, colocar o seu selo de aprovação, e dizer que está intrinsecamente envolvido em algo que apenas só sabe pelos resumos que as pessoas à volta dele fazem. A personalidade do Teatro Municipal da Guarda é tão dissolvida na missão, que no fim acaba por parecer apenas um conjunto de espaços que possuem uma agenda de espetáculos, uma programação lata de facto, que tem por objetivo criar público e chamar a atenção de mais. Estes objetivos são legítimos. A missão do Teatro Municipal da Guarda é, segundo o *site* da CM:

“O TMG tem como principais objetivos: promover a relação entre a sociedade e o Teatro; conquistar novos públicos e fazer a fidelização dos mesmos; disponibilizar informação cultural atualizada; programar espetáculos de reconhecido valor artístico e técnico; investir na relação com agentes e instituições locais e coletivas através de co-produções; um Serviço Educativo dinâmico e ativo, trabalhando com públicos escolares, crianças, idosos e pessoas com deficiências; colaborar com outros Teatros através da criação de redes de colaborações/programação (O TMG integra a Rede 5 Sentidos); contribuir para os objetivos da medida de criação de uma rede fundamental teatros, mais concretamente na produção de eventos de animação cultural que contribuam para o desenvolvimento cultural do público da região em particular e do público em geral.”

O problema desta missão é quando colocamos em jogo todas as questões subjetivas e as misturamos com as vontades e segundas intenções dos intervenientes. O trabalho de produção na Guarda está a par com o realizado ao longo do país. Em conversa com o programador, Victor Afonso, conversamos sobre a questão que na maioria dos teatros municipais, a presença da autarquia se faz notar. Percebendo que existe um investimento no mesmo, e pensando na relação que falei anteriormente, é compreensível esta ligação. Existem, no entanto, atitudes que se podem tomar que ajudam a um melhor funcionamento do teatro.

Uma das coisas que me incomodou durante a minha passagem no TMG, foi o facto de que todas as questões financeiras, tais como os pagamentos, terem de passar pelo gabinete de contabilidade da Câmara, tornando-os num processo demorado, criando longos processos burocráticos. Este processo demora tempo porque estes assuntos passam todos pelo gabinete de contabilidade da CM. Um gabinete que trata de todos os pagamentos que tenham ligação com a autarquia. Mas toda esta ligação poderia ser mais fácil. Vamos dar como o exemplo a agenda municipal, o orçamento já está pensado e aprovado, uma forma de agilizar esta situação seria o TMG gerir o dinheiro, desde o momento que este está aprovado. Os movimentos seriam mais orgânicos, os pagamentos saíram mais rápido e de forma mais eficiente. Outra questão, que pode tornar o trabalho mais complicado será o facto que as horas extras têm de ser pedidas com antecedência, portanto se existe algum imprevisto nas montagens, haverá sempre um momento de suspense, até percebermos se existe ou não possibilidade de os técnicos ficarem até mais tarde. Assim como as questões monetárias, estas questões deveriam ser resolvidas dentro do Teatro, numa questão de agilizar. Esta questão torna-se desagradável tanto para os intervenientes do Teatro como as companhias e artistas que irão apresentar o seu trabalho.

Um dos objetivos do Teatro Municipal da Guarda é conseguir mais público e fidelizar o mesmo, recorrendo a oficinas e a um serviço educativo ativo e outras atividades. A Gulbenkian realizou um projeto, que resultou no livro de ensaios *10x10* –

Ensaio entre a Arte e Educação, vem provar que não basta o Teatro estar disponível, mas que também tem de ser incluída na cultura das crianças.

"Nas civilizações ocidentais, a maior parte dos seres humanos em idade adulta esquece-se quotidianamente de que tem um corpo que dobra até ao chão, que se põe em bicos dos pés, que roda, que salta, porque tudo à sua volta é construído de modo a poupar o esforço físico e a canalizar energia para o trabalho intelectual, que tem uma postura estabelecida – sentado à mesa, frente ao computador. Se nos quisermos movimentar ou esticar, se quisermos dobrar as pernas ou correr, geralmente não o podemos fazer ao longo do dia, durante o nosso horário de trabalho; precisamos de nos deslocar até espaços próprios para o efeito: vamos correr para o paredão ao final da tarde, ou fazer exercício estruturado num ginásio. Isto não seria assim tão grave se esta mesma perspectiva da relação menos movimento/mais concentração/trabalho mental/eficácia não tivesse sido transportada para dentro da escola, o local onde as crianças e os jovens passam a maior parte do dia." Assis (2017)

Desde que somos crianças que nos é comunicado de todas as questões que iremos passar quando crescermos, no início através de eufemismos e à medida que crescemos com maior importância, somos assutados desde o quinto ano de escolaridade que daí a 4 anos devemos saber a nossa área de trabalho e logo a seguir, com menos tempo ainda de intervalo, devemos escolher o resto da nossa vida. Temos de ser arrumados em caixas, achar o que devemos fazer para o resto da vida, e desde pequenos que somos preparados para esse momento, o segundo batismo em que com um clique e uma lista de preferências devemos escolher o quem iremos ser daí para frente. Perdemos o sono, por causa de dilemas pessoais, ou simplesmente porque ainda não conseguimos ou não queremos escolher. Começa o confronto entre a utilidade e a diversão. É usual atividades, como a dança ou performance serem apenas consideradas passatempos, e nunca como uma profissão para a vida. É sistematicamente desvalorizada, e isso nota-se na educação. Desde o quinto ano nas aulas de Português que o teatro já está presente no manual escolar. Ou corrigindo, o texto dramático está presente, porque é isso que é lecionado nas aulas: as características, os nomes e as funções de diversos elementos presentes nestes textos. Algo necessário, sem dúvida. No entanto a escolha dos textos, embora de acordo com o património imaterial do país, acaba muitas vezes por não ser apelativo, criando logo um preconceito do que é o teatro, e colocando uma barreira, entre o aluno e o teatro.

Algumas escolas possuem festas de final de ano, no qual os alunos disfrutam de um espaço de criatividade, no entanto, apenas um nicho dos alunos disfrutam destas. Então onde podem os alunos aceder ao teatro? No Teatro Municipal? Depois de criarem uma barreira, o tempo vai passando, o modelo de cidadão e a pressão de ser adulto tomam conta e não existe vontade e/ou tempo para se dirigir a este espaço. Mesmo na escola, hoje em dia as crianças e adolescentes são carregados das mais variadas coisas para estudar, algo que no final do dia, ao criar uma lista de prioridades acaba por sair por cima,

e depois de estudar e do cansaço um dia, é compreensível que estas crianças olhem para um café, ou uma saída com os amigos, ou simplesmente passar a noite no sofá como uma alternativa mais atraente a uma ida ao Teatro.

Dizer que a arte é desvalorizada em Portugal é um exagero dos artistas, afinal os espetáculos mais comerciais abusam, a meu ver, o preço dos bilhetes e continuam com lotação máxima. O problema é que o mesmo valor não é dado aos artistas emergentes, visto que muitos deles possuem valores baixos, a ponto insultuoso. Mesmo assim, nas entrevistas realizadas, foi possível perceber que o preço dos bilhetes é um fator que afasta as pessoas de grande parte dos espetáculos de artistas pouco conhecidos. Sinto-me tentado a dizer alguns palavrões ao longo deste relatório, à medida que observo e analiso as escolhas que compõem a realidade e percebo que os que o podem mudar estão aprisionadas num *loop*, mas dizer isto faria de mim menos, menos que um adulto.

Rumores e Verdades: Perspetivas do Certo

Durante a nossa vida é usual ouvirmos várias opiniões e perspetivas sobre um mesmo assunto, e principalmente diferentes “certos”. A definição da palavra não muda, mas o peso dela sim, especialmente quando o certo pode variar de mente para mente, dentro de uma casa.

Depois do ser humano nascer, começa a criar a sua personalidade. Essa personalidade é moldada desde muito pequena. Começamos a desenvolver opiniões desde novos, através de coisas, que ouvimos, coisas que vemos, tudo o que os nossos sentidos conseguirem apanhar. Todos sabemos isto por experiência própria, assim como sabemos que as nossas opiniões foram mudando, seja porque erros foram cometidos, seja porque conhecemos/aprendemos coisas que nos levaram a tal. A verdade é que existe uma metamorfose através da vida. Bissoli refere no seu artigo: *Desenvolvimento da Personalidade da Criança: O Papel da Educação Infantil*:

Esse processo é mediado pelas situações que a criança vivencia, por isso podemos afirmar que a personalidade de cada um resulta de sua biografia: das suas condições de vida e educação, das atividades que desenvolve, das aprendizagens que empreende e do desenvolvimento do seu psiquismo, como destacam Vigotski (1929/2000) e Sève (1979).

Essas opiniões, que são inerentes à vida humana, no mundo de hoje, podem tomar uma proporção maior do que o devido, sempre dependendo de quem se é.

Em conversa com algumas pessoas (família, amigos e conhecidos) perguntei-lhes o que tornava uma opinião mais forte do que a opinião seguinte, quem ou quais eram os critérios que decidiam que aquela afirmação era verdadeira, ou que a outra era a opinião mais válida. A resposta foi, resumindo tudo: “A maioria decide, se uma grande quantidade de pessoas decide que um certo conjunto de características torna alguém bonito, então essa pessoa vai ser considerada bonita, e por mais que tu não concordes, a tua opinião, embora tua, acaba por não criar grande moça, podendo até haver pessoas que a desvalorizem.”

Desvalorizem?! Uma opinião é algo pessoal, quem é que é egocêntrico o suficiente para achar que detém o poder de apenas pelo facto de querer, poder modificar a opinião de toda a gente? Obviamente que ao longo do tempo, existiram pessoas assim, mas sempre me ensinaram que a disciplina de História servia, exatamente, para aprendermos com o passado e não cometermos os mesmos erros.

É com este mote, que inicio este capítulo do relatório. Se a quantidade de seguidores que uma personalidade/opinião possui é o derradeiro critério para a veracidade de uma frase, então neste momento irá começar um confronto. Rumores e Verdades, duas faces de uma moeda, que muda consoante o seu portador.

As duas versões são: “Verdades do Povo vs Rumores da Autarquia” e vice-versa. Sendo natural da cidade e tendo ouvido já comentários começados por todas as letras do alfabeto, não podia deixar que isso viciasse a minha opinião, assim como não deixei a minha formação e vivência, como artista, moldar o meu pensamento, impedindo-me de procurar e analisar, de forma imparcial, o lado da autarquia, neste caso o vereador da Cultura da cidade Guarda, Victor Amaral.

Depois de várias tentativas para conseguirmos realizar esta entrevista, finalmente foi possível criar um espaço nas duas agendas para uma das conversas mais importantes do relatório.

Finalmente irão poder perceber o lado da autarquia e perceber até que ponto, tudo o que se diz pela rua é realidade ou não.

Comecei por perguntar se poderia existir um registo gravado da entrevista, ao que ele disse que sim, e depois referi que, embora, a finalidade da entrevista fosse um tanto formal, que a entrevista em si, não tomaria esse tom, pela razão de eu, como entrevistador, não achava necessário. Achei que seria melhor que assim fosse para que os leitores

criassem uma certa empatia com esta pessoa, se ele se apresentasse como um cidadão da Guarda, ao invés de um membro da autarquia.

Criei um contexto para esta conversa, expliquei que para além de querer saber a sua posição como vereador, existiam críticas da população, a que eu queria dar voz e, diante dele, perceber a sua veracidade.

Comecei por perguntar até que ponto ser vereador da Cultura e do Turismo. Durante um momento do meu estudo achei que ficar responsável por estes dois pelouros poderia ser de certa forma prejudicial, porque um poderia acabar por ser absorvido pelo outro, e não funcionarem não só como departamentos separados como não serem tratados como dois campos de trabalho gigantescos. A Cultura antes de servir o turismo e ser usada como chamariz económico deveria ser colocada ao serviço dos cidadãos da cidade, e quando as bases para este primeiro objetivo são realizadas, pode-se então passar para num próximo patamar, se assim fosse necessário.

A resposta do vereador: “Complementam-se, na medida em que a Cultura dá corpo ao conteúdo e à substância da oferta artística e programática, multidisciplinar dos equipamentos culturais e o Turismo acaba por ser o *front office*, que acaba por dar visibilidade e complementar esse trabalho, através de estratégias de captação turística (...) são portanto dois pelouros que se complementam muito bem.”

Durante esta resposta, foi também mencionado a promoção *outdoor*, e o quanto ela acabou por contribuir para se fazer conhecer a oferta cultural do TMG. Como cidadão e estudante da área, não existe nada nesta resposta que me incomode, no entanto, podendo ter a oportunidade de presenciar estas práticas, consigo perceber obviamente alguns problemas:

Promoção *Outdoor*

A promoção *outdoor* é bastante presente na Guarda. Durante uma viagem de carro, eles estão presentes em quase todas as rotundas. A Cultura tem bastantes vezes hipótese de um lugar no meio desses gigantes impossíveis de ignorar, mas existe um problema, quando olhamos para estes espaços e os anúncios escolhidos para os mesmos. Os espetáculos que acabam por ser escolhidos para estes *outdoors* são os espetáculos mais comerciais e grandes concertos, que acabariam por esgotar mesmo sem qualquer publicidade, ou peças de teatro encenadas ou interpretadas por grandes figuras.

Sendo também artista, sempre me perguntei o porquê destas escolhas, sabendo que existem muitos mais eventos na agenda cultural do TMG, que poderiam ter vantagens ao estarem presentes nos olhares das pessoas através destes engenhos. Fazendo o cruzamento com esta resposta, existe uma explicação: “através de estratégias de captação turística”. Um espetáculo de uma companhia emergente espelhada num grande *outdoor* pode não criar uma grande quantidade de público e muito menos chamar a atenção de turistas, mas alguém com nome, uma celebridade, não só leva pessoas ao Teatro, como acaba por trazer, atrás de si, os seus fãs, concluindo-se, assim, que a Cultura pode impulsionar o Turismo. Um espectador que venha de fora, de propósito para ver X espetáculo, será tentado a passar a noite no local Y, passando pelo local Z e ainda dando um passeio pela estrutura A, ajudando assim a cidade monetariamente. São promovidos, assim, a Cultura e o Turismo.

Outro assunto que pretendo colocar, acaba por cair dentro da questão promoção propriamente dita. Da minha casa até ao centro da cidade são dez minutos de carro. Durante esses 10 minutos de caminho, existem os já falados *outdoors*. Caso não os houvesse, a promoção dos espetáculos seria muito reduzida. A população residente na mesma freguesia que eu, e das imediatamente mais próximas, não possui acesso à programação cultural com a exceção dos eventos mais populares.

Quando um teatro municipal tem um dever de serviço público para com a população, seria de esperar que toda esta tivesse acesso à mesma quantidade de informações, o que não acontece.

Este seria, na minha opinião, o ponto em que numa conversa alguém iria introduzir uma frase do género: “Não sabem porque não têm interesse.”. É um facto, no entanto estamos a falar de vários e diferentes grupos de população:

1 – Uma população envelhecida, que provavelmente não tem experiência em utilizar um computador, portanto sem alguém mais novo para aceder a informações através da *internet* e lhe dizer o que há em termos de oferta cultural. Ou mesmo sem ter alguma informação em papel, para poder consultar. Ora, assim não irá poder saber da oferta;

2 – Os Adultos que embora até possam possuir vontade de saber, estão presos no *loop* criado pela vida: uma vida de trabalho, durante o dia, e tentativa de descanso durante a noite;

3 – Os mais novos, que hoje em dia estão mais interessados nos dramas que as redes sociais lhes podem trazer do que propriamente no *site* de um equipamento cultural.

Para todos estes grupos, existem *outliers*⁴, no entanto não são esses que fazem a maioria da população, e para tudo o que se faz, inclusive criar para uma opinião ou defender um argumento, tal como foi dito anteriormente, é necessário essa maioria, que servirá como exemplo.

Solução para este problema: insistir mais na distribuição das agendas? Variar os objetos de maior promoção? Será que iria funcionar? A resposta é um “não sei”. Então porque defendo esta posição? A verdade é que acaba por ser algo diferente, é uma mudança. Quando mudamos alguma coisa, nunca sabemos se vai funcionar à primeira. Mas se já percebemos que algo estagnou, então será preferível modifica-la. O conformismo é um dos nossos piores inimigos, sem contar que esta distribuição acabaria por criar postos de trabalho.

Decidi perguntar diretamente onde começava e acabava a influência da Câmara no Teatro. Expliquei a minha preocupação e, diretamente, questionei se, sendo a CM o principal investidor do TMG, existia alguma tentativa de manipulação da agenda. Fiz a pergunta utilizando a metáfora de investidor/empresa.

A resposta contou com uma contextualização que referiu que antes de 2013, o TMG era gerido por uma empresa municipal denominada CulturGuarda, o que lhe concedia uma maior independência. No momento em que o executivo tomou posse, e de acordo com a mudança de lei, essa empresa foi abolida e a Câmara teve de absorver o Teatro Municipal e tudo o que lhe competia. As mudanças também aconteceram a nível dos recursos humanos. Dos trabalhadores que já existiam muitos viram o seu contracto acabar e outros conseguiram entrar para os quadros da Câmara, conseguindo manter o seu posto de trabalho.

”Absorvemos as funções e os funcionários, (...) o município gere diretamente o teatro, como gere a biblioteca municipal e como gere, há três anos para cá, o museu da Guarda. Isso não quer dizer que o município da Guarda, que tutelando o Teatro, que tem uma responsabilidade que ultrapassa a mera visão política, deve ser uma estrutura democrática, aberta, plural... Portanto cumprir o papel que está consagrado na Constituição, jamais pode ser objeto de politização, ou objeto de destruição do que é a sua missão pública”.

⁴ Em estatística, corresponde a um valor muito diferente dos observados. Neste trabalho, correspondem às exceções dentro dos grupos descritos.

Essa missão, citada anteriormente neste relatório, na sua prática acaba por perecer de uma comunicação eficiente entre a promessa e o resultado final. Já mencionei o problema da definição de qualidade de espetáculos, sendo esse um dos principais objetivos do mesmo. É minha intenção examinar e falar de todos os objetivos por si só.

1 – “Promover a relação entre a sociedade e o Teatro; conquistar novos públicos e fazer a fidelização dos mesmos”: A oferta de bilhetes, pelo Teatro, funciona neste sentido, sobretudo como forma de atrair público. Há outras iniciativas neste sentido, tais como a promoção de oficinas e *workshops*. A estrutura mantém-se ativa neste ponto e cada vez mais tem tentado chamar a atenção de toda a área circundante, sendo “circundante” a palavra-chave, como vimos anteriormente.

2 – “Investir na relação com agentes e instituições locais e coletivas através de coproduções”: No preciso momento, da redação deste relatório, estive inserido em projetos, ambos com estreia nos Auditórios do TMG. Um deles em coprodução do TMG, e o outro com o seu apoio. Existem, sem dúvida, diferenças entre os dois, tanto no género de espetáculo, como na estrutura que está a organizar o espetáculo. Uma pública, uma companhia de Teatro, da qual fiz parte e outra privada, uma escola de dança, na qual trabalho, uma com apoio monetário, outra com a cedência de um auditório, uma que fica com bilheteira, outra que divide a bilheteira com a estrutura de acolhimento. Sendo que a estrutura fica com a maior parte desse bolo. O apoio da Câmara passou por conceder acesso ao Auditório, e a estrutura, que é uma escola de dança, sem apoio qualquer do Estado, acabou por receber o acesso ao Auditório e a menor parte da bilheteira. Ora, se a missão seria “investir na relação”, pareceu-me que, aqui, alguma coisa falhou. Poderiam acusar-me de parcialidade ao usar este exemplo, no entanto a minha proximidade com os eventos, apenas me ofereceu uma visão privilegiada do palco e da ação. E esta, posso afirmar, não estava moldada por afinidades com qualquer uma das estruturas, mas sim pelos factos: a diferença das organizações. Uma tem apoios de dinheiro público, a outra não. A primeira fiou com a bilheteira, a outra não só ficou com a menor parte, como ainda lhe foi subtraído o valor de IVA. Pergunto, então: qual foi o critério de seleção neste caso? O facto de que uma era uma entidade pública e a outra não? De qualquer maneira, ambas estavam a realizar um trabalho cultural, ambas mereciam um mesmo tratamento, ou, no mínimo, um tratamento personalizado a cada uma das situações, mesmo que para isso houvesse, desde início, uma clarificação dos critérios na receção das propostas e de uma resposta, efetiva, às perguntas/anseios que os criadores pudessem ter. Talvez o TMG tivesse visto a cedência do Auditório como um apoio, no entanto, no final do dia, quando

se pensa na questão financeira, percebe-se que apenas se trata de uma estrutura a conseguir um espetáculo gratuito, conseguindo, dessa forma, tirar proveito de um espaço que, caso não fosse ocupada nesse dia, estaria vazio.

3 – “Um Serviço Educativo dinâmico e ativo, trabalhando com públicos escolares, crianças, idosos e pessoas com deficiências;”: Durante o meu estágio no TMG, observei e acompanhei as várias ofertas de Serviço Educativo, e também a enorme pro-atividade dos seus funcionários.

4 – “Contribuir para os objetivos da medida de criação de uma rede fundamental teatros, mais concretamente na produção de eventos de animação cultural que contribuam para o desenvolvimento cultural do público da região, em particular, e do público em geral.”: Este último parágrafo funciona, para mim, como um resumo de todos os objetivos anteriores. Percebe-se, aqui, a ênfase numa ambição objetiva que está sustentada em linhas subjetivas, que usa a lei do mais forte, neste caso da maioria, para se existir.

Se durante a leitura destas duas páginas se constatou haver algum género de ataque à estrutura e ao poder político, devo dizer que não foi intencional. A minha função, aqui, não foi a de destruir qualquer trabalho exercendo uma crítica destrutiva das ações que vão sendo realizadas ao longo do tempo. Foi, sobretudo, exercer a minha capacidade de localizar e pensar o que eu, ao longo do estudo/estágio/trabalho, achei que poderia ser melhorado, obrigando, para esse facto, que houvesse, no seio de todos os intervenientes, uma mudança a nível de princípios e de mentalidade. A exposição/reconhecimento é o primeiro passo para a mudança, depois da disponibilidade para a mesma.

No momento seguinte, o vereador mostrou esperança na prosperidade da Cultura na Guarda, através da candidatura a “Capital Europeia da Cultura”, o que obrigou a que a Autarquia e todos os intervenientes/agentes nesta área pegassem numa “folha em branco” e definissem linhas específicas de práticas culturais.

Contextualizando, esta iniciativa da União Europeia pretende ajudar uma cidade do continente europeu a dinamizar e promover a sua vida cultural. O próprio vereador admitiu ser uma “jogada ambiciosa” da cidade, acabando por me entregar um desdobrável. Com uma estética agradável, um *design* bonito, quando aberto, podiam ler-se os seguintes textos:

“O Município da Guarda assume a candidatura a Capital Europeia da Cultura como uma oportunidade que permitirá reunir os meios necessários para uma estratégia sustentada e duradoura para melhorar as condições nos diferentes domínios que interessam ao desenvolvimento socioeconómico da Guarda e da região em que se insere.”

Como morador achei que fosse uma ótima medida. Já como estudante de teatro e com o meu envolvimento com arte, achei que “domínios que interessam”, podia ser uma expressão capaz de fazer “levantar algumas sobrancelhas”, especialmente, quando noutra página do desdobrável estavam escritas as seguintes palavras:

“A cultura e o turismo são, hoje e cada vez mais, reconhecidos como motores de atividade económica. Está hoje demonstrado que as cidades e regiões que investem na cultura conseguem atrair mais capital humano, transformar comunidades, criar emprego e gerar crescimento. Na verdade, o desenvolvimento de estratégias baseadas na Cultura tem tido um efeito positivo noutros sectores da economia, sobretudo no turismo.”

As interpretações deste pequeno conjunto de frases podem ser variadas. Eu neste momento, tenho mais de seis. Não quero dizer, que alguma delas esteja correta, porque na realidade a todas subjaz algum pré-conceito. Um deles, de um ponto de vista mais artístico, que condena esta visão e um outro, mais prático, que compreende a posição da autarquia e aforma como ali colocou aquelas palavras.

Pensar-se a Cultura como forma de incentivar a economia, não é uma ideia nova. Num artigo do Jornal de Notícias, de 28 de março de 2013, com autoria de Helena Garrido (link de acesso na *webgrafia*), podemos ler: “a cultura é apontada como o segundo motivo de atração turística.”, o que prova que a cultura é um fator favorável à economia de uma localidade.

Qualquer artista percebe esta ligação, e sabe da existência desta visão. Penso que o problema reside quando é expressada de forma tão direta, permitindo interpretações como: “É óbvio que a cultura serve apenas um papel para a economia” ou, “Sim, o serviço público que a Cultura está a fazer é apenas para os bolsos dos que mandam”, ou ainda, “Não me digam que se importam com os eventos que organizam. Eles, simplesmente querem a renumeração.” Porém, não condeno as pessoas que afirmam isto, nem as que as apoiam. Este tipo de mostram, de alguma forma, que as pessoas têm opiniões acerca destas questões e que têm a liberdade de expressar o seu pensamento.

No momento em que iniciei esta parte do relatório, decorria uma investigação. Uma investigação dentro do campo da cultura. Acusações caíram sobre a autarquia. Acusações de fraude em apoios do Estado. Segundo as notícias, que foram sendo divulgadas, a autarquia teria usado uma companhia local “Aquilo Teatro”, para pedir um apoio financeiro, que no final, não teve essa companhia como destino.

Depois da conversa com o vereador, aqui citada, esta nova informação “caiu-me no colo” motivando-me a usá-la como argumento para o meu repúdio à forma como a Autarquia geria os dinheiros públicos destinados à Cultura.

“Sabemos que o Guarda-Folia é importante para a Guarda, é o que mobiliza a cidade e tantas outras pessoas. Fizemos isto pela população da Guarda”. Esta frase teria, provavelmente, uma base para a defesa da Autarquia nesta questão e a sua legitimação para a sua insistência na intervenção da programação do Teatro Municipal da Guarda com o objetivo de a tornar mais comercial: ir ao encontro dos anseios do povo.

Ora, superficialmente essa poderia ser a razão, mas quando resolvemos expandir a investigação e mergulhamos na pesquisa do assunto para perceber, efetivamente, o que se passou, descobrimos que as origens desse movimento têm um teor mais egoísta, digamos assim, no entanto quem poderia confirmar, sem deixar margem para dúvidas (os acusados), não o iriam admitir. Afinal, ironicamente, eu acho, a admissão de culpa desta e de outras situações não passa por ser uma coisa séria. Normalmente insere-se nos episódios finais das novelas. Porém, é para isso que existem padrões comportamentais/estudo/regras. As ações falam mais alto, do que as palavras. E este caso é gritante. Um grito que não deve ser ignorado.

Dito isto, entendo que deveria haver uma distância saudável entre a Autarquia e as estruturas culturais que dela dependem (ou não). Tanto em termos de recursos humanos, como em termos financeiros e contabilísticos. A negação destas atitudes, porque sim, sem outra explicação que não a inércia da população na análise destas questões, é, do meu ponto de vista, errada. Existem leis a ser mudadas, existem leis a ser criadas. O objetivo da democracia é o de o público ter voz, ser ouvido, e confiar nos autarcas para criarem o melhor para o país. Para o tornarem melhor. Se toda a informação sobre o orçamento autárquico deve ser clara e transparente, não existe nenhum motivo para cada uma das estruturas, ou para os responsáveis dos campos tratados neste documento, não terem acesso a essa informação e não terem a capacidade de decisão sobre o mesmo.

O facto de o TMG ter de estar sempre à espera da autorização da autarquia para poder fazer seja o que for – esta dependência que se cria (falo do TMG, como falo de qualquer outro teatro municipal que esteja na mesma situação). Uma realidade presente e discutida num artigo do Público de 22 de outubro de 2019, de autoria de Rui Matoso, no qual a influência da Câmara sobre os equipamentos é problematizada, assim como a interferência do poder público:

“No município da Guarda algo similar aconteceu com a demissão de Américo Rodrigues das funções de director artístico do Teatro Municipal; neste caso também o presidente de câmara (Álvaro Amaro) achou que devia castigar a liberdade de expressão e as opções estéticas de um programador cultural que tem, como qualquer cidadão, o direito a publicitar livremente a sua opinião sem ser alvo de represálias.”

Está presente, também, uma citação de António Pinto Ribeiro: “uma das constantes em muitos teatros e cineteatros do país, independentemente do tamanho das cidades e da cor política dos seus autarcas, é estes servirem fundamentalmente de equipamentos eleitoralistas”. Estas questões apenas demonstram a falta de confiança do poder político numa organização cultural, e chega a torna-se um insulto não só para o coordenador do teatro, como para toda a equipa, dada a intromissão constante da Autarquia na gestão do equipamento.

Equívocos como este existem por todo o lado e, embora se tentem ignorar, toda a gente sabe que existem. Talvez não por maldade, mas porque existem prioridades políticas e infelizmente a cultura, como se sabe, passa a ser considerada a ultima delas. Porém, hoje em dia, como começa a ser vista como uma fornecedora de trabalho, e de algum lucro, começa a ser visto como uma mobilizadora e como tal, tem-se vindo a tornar mais central nas políticas municipais.

Todo o tipo de festas, todo o tipo de festivais que a Câmara Municipal organiza/apoia têm sido sempre gizadas com a mesma lista de prioridades. A primeira, a mobilização da população. O local escolhido, nos últimos eventos também tem mudado. Contudo, ao invés de serem num sítio aberto, agradável, como por exemplo um enorme estádio (que raramente é usado), decide-se cortar estradas, acabar com acessos, e fazer a festa no meio de uma via pública. O objetivo desta opção tem sido o de colocar as pessoas mais perto do comércio, seja ele restauração ou têxtil, aumentando desta forma o negócio, e mais uma vez usando a cultura como mobilizador para isso.

Quase que por coincidência, durante o meu estágio, sempre que as pessoas da cidade me falavam na rua e me perguntavam o que fazia (pergunta muito importante para esta realidade), quando dizia as iniciais TMG, curiosamente toda a gente tinha uma opinião, uma posição, ou simplesmente uma frase que consideravam conter um facto. Verifiquei que todos tinham opiniões várias em relação à cultura, que gostavam de “gritar aos sete ventos” sempre que podiam, com o objetivo de não passarem por “burros” ou “ignorantes”. No entanto, admitir que a cultura estava em último numa lista de prioridades não só era aceitável, como era visto como normal.

Este tipo de entendimento não era surpreendente, afinal. Segundo as mais variadas pessoas com quem tive o gosto de conversar, todas elas seguiam o mote: “o trabalho está no centro de tudo”, e muito subtilmente o mote: “Temos de bajular os mais poderosos, para termos certeza que não caímos”.

Segundo o *site* da Priberam, democracia significa “Governo em que o povo exerce a soberania, direta ou indiretamente”. No entanto isto não se aplica a nós. Talvez as pessoas possam modificar o nome deste governo em que estamos, porque não é de todo o que devia ser uma democracia, cada pessoa luta pelos seus próprios interesses. A ideia de que os humanos podem ajudar-se uns aos outros tem sido, a meu ver, uma utopia.

Considero, neste sentido, que mesmo que na escola nos ensinam que podemos chegar a qualquer lugar, acabamos por viver num mundo onde a submissão aos poderosos e um sorriso constante, continua a ser a única maneira de se sobreviver.

Conclusão

Este relatório encerra uma viagem de dois anos que iniciei com a entrada para o Mestrado em Teatro, mais especificamente para a especialização em Produção. Tudo o que fiz, na sala de aula da Escola Superior de Teatro e Cinema, foi sempre pensado para um estágio que faria para o concluir. O grau de Mestre, embora importante, tornou-se um fim secundário. O importante para mim era perceber de que forma as iniciativas culturais, desde a programação do TMG às atividades de maiores dimensões, e a sua contribuição para a cidade onde nasci. Convicto disso, decidi arranjar uma forma de entrar no grupo restrito que é trabalhar num edifício municipal, regido por regras e pessoas específicas. Terminei este relatório e esta experiência com mais questões do que as que tinha quando a iniciei. Algumas das minhas questões foram sendo respondidas, mas outras não só ficaram por responder, como me fui apercebendo que existiam situações/questões/factos que embora não pudessem ser respondidas porque a maioria das pessoas fugiam dessas respostas, por medo, talvez, havia muitas que necessitavam de ser mudadas.

Este relatório deveria ser apenas sobre o meu estágio, sobre a experiência conseguida, sobre o conhecimento adquirido na prática, e embora continue a ser, não pode ignorar acontecimentos que iam surgindo, problemas que iam emergindo, obstáculos que iam brotando de todos os lados, no dia-a-dia. Por exemplo, a forma desconfiada como,

por ser alguém novo no meio fui recebido, e o tempo que levei a modificar essa situação. Com tempo as situações menos agradáveis foram melhorando, o trabalho assistido passou para tarefas autônomas, até ao momento em que fiquei totalmente responsável pela produção executiva de espetáculos.

Ter a produção executiva de dois espetáculos, sob minha responsabilidade, poderia ter sido uma experiência mais rica, se a produção tivesse sido feita desde o momento da primeira comunicação, com a companhia que o TMG iria acolher. Grande parte do trabalho quando chegou às minhas mãos já estava feito, e por isso, o que faltava fazer era apenas o de apoio e de acompanhamento dos projetos/espetáculos, e de ter a disponibilidade para resolver e ajudar nos problemas que aparecessem a partir da chegada da companhia ao teatro. Ambos os espetáculos eram diferentes, é verdade, no entanto não falo apenas em termos do gênero de cada um deles. Falo, sobretudo, nas suas questões logísticas.

O primeiro, *SynTropia*, um espetáculo de dança e som, idealizado para deficientes auditivos, trazia com ele a importante tarefa de construir, de raiz, uma bancada. Esta tinha sido idealizada para ocupar um espaço grande, onde coubesse juntamente com os atores e tudo aquilo que eles traziam para o palco.

A solução recaiu em algo que eu achei muito interessante: levar a experiência para o palco do auditório grande.

A bancada foi colocada e o espaço para os *performers* era suficiente. Esta mudança exigiu dos assistentes e membros da produção que tivessem de guiar o público através dos corredores do teatro, pela porta dos bastidores, visto que a entrada normal, não se justificava neste caso.

O controlo de público era feito, a porta era fechada, e a comunicação de início de espetáculo era dada de mim, para o produtor da companhia, e dele para um dos *performers* que dava, a partir daí, o ponto de partida para a “viagem”. Já avisado previamente que deveria colocar as mãos na plataforma à frente dele, o público reagia de várias formas, desde a surpresa dos que achavam que o dispositivo montado não ia funcionar, até aos sorrisos dos próprios surdos pela experiência única que lhe estava a ser proporcionada. O espetáculo foi realizado três vezes. Eu assisti ao ensaio geral, e também a todas as sessões. Como um apaixonado pela reação e pensamento humanos, depois de o ter visto a primeira vez ocupei-me em perceber a expressão corporal do público, em ver a sua resposta aos estímulos que lhe eram dados.

O teatro trabalha para a sua comunidade, e ver um dos seus nichos, tantas vezes esquecido, a ter um momento destes, construído e pensado para eles, e ver a sua reação, teve, para mim, uma beleza imensa e transformadora. Eu, um descrente da capacidade do TMG e da preocupação da Câmara com os problemas das minorias, passei a acreditar que estas coisas eram possíveis.

Para mim próprio foi uma grande experiência, enriquecedora e capaz de me mostrar que não existem razões para estes projetos não serem realizados com mais frequência.

Porém, se se pensar unicamente nas questões financeiras deste tipo de eventos, encontraremos razões para que, embora necessários em termos sociais, não devem ser realizados porque o retorno é insuficiente para pagar as suas despesas. Vejamos: a) a bancada era muito pequena, foi pensada para uma certa quantidade de pessoas, com características muito específicas, aquelas a quem era dirigida a “escuta tátil”; b) no decurso das suas três sessões existiu uma, para a qual a Associação de Surdos de Guarda foi convidada a assistir, com entrada gratuita.

Em termos éticos e sociais, esta decisão fez todo o sentido, mostrando o lado humano do Teatro, e a sua atenção à comunidade que o rodeia. No entanto, pelo lado financeiro, se o seu retorno já estava comprometido por ter havido a decisão da construção de uma bancada pequena dirigida a um público certo, o facto de uma sessão ter sido feita de forma gratuita para grande parte do público-alvo, piorou a situação.

Contudo, e mais importante do que qualquer situação financeira, no final do último espetáculo, a arrumação e a desmontagem foi realizada com um sentimento de objetivo cumprido. Fosse o que fosse que os números tivessem ditado no final, o que interessou aos intervenientes foi a união e a forma como todos receberam a experiência. E esta foi uma experiência completa visto que também foi realizado um *workshop* pela bailarina Yola Pinto.

Particpei nele como membro da produção com a tarefa específica de ajudar os seus criadores na sua concretização, mas também participei como inscrito/aluno, tendo podido, dessa forma, perceber e experienciar a motivação dos criadores na criação deste espetáculo. Esta experiência deu-me também a oportunidade de voltar a apelar ao meu lado de *performer* que estava adormecido desde o início deste Mestrado. A produção executiva tornou-se abriu-se a outras experiências durante o contacto com esta companhia, oferecendo ao meu estágio um momento deveras enriquecedor.

O segundo espetáculo aproximou-se mais do trabalho de produção normal. A companhia trazia a sua própria equipa, que fez todo o trabalho de forma rápida, e a montagem correu suavemente. No entanto este espetáculo trouxe problemas que eu não tinha experienciado anteriormente. Assim como no anterior, quando o *dossier* da produção chegou a mim, grande parte da comunicação já estava feita e como no anterior, o que faltava fazer era um trabalho de acompanhamento e assistência no que fosse necessário. Dado um dos membros da produção da companhia estar ausente, acabei por ser eu a comunicar com o encenador. Tentando ajudar como podia, fui fazendo o que me competia como produtor, mesmo que isso ditasse que eu teria de aceitar que existiam questões totalmente fora do meu controlo e que eu tinha de perguntar a um superior como resolvê-las – mesmo que parte dessas questões fossem assuntos que, na minha opinião, eu deveria saber como resolvê-los. Um dos problemas mais notório foi o da comunicação do espetáculo.

O texto utilizado para fazer publicidade não era apreciado pelo encenador, e quando ele me expôs a situação, eu levei essa questão ao responsável no teatro por esse ramo. Este erro foi notado nas redes sociais, dando origem a comentários sobre o assunto. Nessa altura senti-me impotente e como produtor sinto que deveria saber resolver a situação. Contudo, dado não pertencer à estrutura que me acolhia, tantas vezes não soube resolver as situações da forma mais rápida e eficiente porque, efetivamente, não tinha acesso à informação sobre esses trâmites.

No momento de desmontagem e arrumação, o sentimento era que o de que objetivo tinha sido cumprido, mas que não tinha tido o mesmo resultado do espetáculo anterior. Tudo tinha sido feito à pressa, com a urgência de quem tinha essas tarefas para resolver, mas que também tinha outras para terminar.

Existiram outros lugares do Teatro nos quais desempenhei outras tarefas, mesmo como assistente de produção, desde as galerias até eventos pontuais de cedência de espaço para uma comemoração.

Na galeria do Teatro, tive a oportunidade de trabalhar com o Serviço Educativo e perceber as iniciativas que a estrutura tinha para com os alunos da cidade, de diversas áreas de ensino. Desde alunos de multimédia da Escola Profissional, até aos alunos de licenciatura de Animação Sociocultural, todos recebem o convite do Serviço Educativo, para visitar as exposições e aproveitar para realizar tarefas e exercícios que tornem a experiência mais imersiva e mais enriquecedora. Foi importante acompanhar estes eventos. É uma energia diferente, receber o público do teatro e ser apenas um guia, e ter

de manter o interesse dos alunos numa exposição, estar sempre atento a sinais e procurar novas maneiras de desenvolver a relação entre os visitantes e a galeria, porque no final, esse é o grande objetivo. Usar estas iniciativas para criar público para a galeria, naquele momento caiu na pessoa responsável, e conseqüentemente em mim. Durante estas sessões existia uma sessão de apresentação, no qual uma das perguntas era: a frequência com que visitavam a galeria durante exposições, a resposta “não” era predominante dentro das turmas. Desmitificar este novo cenário, tornar o ambiente amigável e criar vontade de regressar, era a finalidade destas sessões. Dentro do serviço educativo, existia também uma iniciativa para os mais pequenos. A *Viagem Sonora* era uma experiência para os mais novos, na qual eles exploravam a sonoridade e ao mesmo tempo, os vários locais do teatro. Com diferentes objetivos em cada lugar, assim como a anterior, esta viagem dá a conhecer o teatro, de uma forma divertida, tentando assim que as crianças criem boas memórias, e com vontade de voltar ao Teatro, um dia mais tarde, como público.

No final, esta experiência embora enriquecedora, foi a meu ver aquém do que poderia ter sido. Existem assuntos que deveriam ser pensados e alterados. A gestão financeira, por exemplo, deveria ser feita inteiramente pelo teatro. Uma forma de resolver este assunto seria a Câmara transferir para o Teatro o valor atribuído para cada temporada, e desta forma, este passar a ter autonomia para realizar todas as decisões financeiras, desde problemas que pudessem aparecer até aos pagamentos dos artistas. O facto de um pagamento poder demorar um mês a ser feito, porque tem de ser realizado através do departamento financeiro da Câmara, causa desconforto em alguns artistas.

Se o Teatro tivesse essa autonomia, os pagamentos e muitas outras decisões poderiam ser agilizadas. O orçamento para a cultura, supostamente é feito com antecedência, e os responsáveis pela Câmara Municipal poderiam confiar no Coordenador do Teatro toda a gestão daquela estrutura.

Outro problema é a comunicação do Teatro. Para além das agendas, dos *outdoors*, que como já referi só cobrem os eventos mais populares, e alguns artigos que possam sair na *internet*, não existe mais nenhuma forma de “vender” a programação. A distribuição da foga-se no centro da cidade, e, no entanto, grande parte da população vive a 15 minutos de carro do centro, acabando, na maioria das vezes, por não saber o que se passa na cidade, perdendo a oportunidade de ir ver espetáculos que lhe poderiam interessar. Se estes dois passos fossem conquistados seria uma grande mudança e a evolução do Teatro seria rapidamente notada.

Durante o estágio tive a oportunidade de colaborar com outras estruturas dando origem à segunda parte deste relatório.

Acabo este relatório, com mais questões do que comecei, menos respostas do que estava à espera, com a esperança de que, algum dia, alguém pegue nesta questão e encontre algum apoio neste trabalho. É sempre mais fácil quando fazemos um trabalho quando temos vários de livros para investigar e dissecar, visto que é a única forma de sustentar a nossa palavra num trabalho académico. Infelizmente, como em muitas outras cidades do interior, não existe grande bibliografia em relação à cidade especificamente. Existem obras que podem ser adaptadas, é um facto, e foi o que tentei fazer, mas de uma maneira diferente do que acontece nas ciências exatas.

O mundo da cultura depende do ser humano para o desenvolver, e como tal, depende de todas as influências e tendências dessa pessoa para justificar o trabalho que vai sendo feito, tornando a “tradicional” bibliografia difícil de se lhe ajustar. Porque toda a gente é diferente, cada cérebro trabalha de maneira diferente, e os interesses de cada um de nós mudam como os ventos.

Dessa forma agradeço a orientação que consegui pelo caminho que me levou tanto a trabalhar de um lado, como do outro, e conseguir experienciar ambos os lados e poder criar um ponto de vista.

Entendo que não estar preso a uma enorme bibliografia, o facto de poder criar algo surgido da experiência, ao invés de ficar preso a algo já escrito por outrem foi libertador, e também mais próximo à realidade, objetivo maior deste relatório. Investigar a situação cultural da cidade em que cresci foi um desafio. Conseguir solucionar os problemas, está longe de estar conseguido, mas espero que este relatório e as experiências que consegui sejam o início de um novo caminho.

Uma vontade que começou baseada numa ideia hiperbolizada que algo que estava a ser mal dirigido, levou a uma decisão que acabou por se tornar apenas num veículo. Um veículo que me ocupou tempo, que me fez pensar e repensar na maneira como via as coisas, na forma como as pensava. Um meio de transporte que durante a “viagem” me ofereceu coisas que eu não queria porque eu o apanhei com um determinado objetivo.

Começando no momento em que peguei na caneta para tomar uma decisão, já na minha mente, estava uma intenção a longo curso definido. A verdade é que, olhando para trás, existem coisas, que em retrospectiva, deviam ter sido aproveitadas e devido a umas palas que me guiavam apenas para um lugar, não fui capaz, a não ser que existisse algo nisso que me ajudasse na minha demanda final. Paragem atrás de paragem, iniciei sempre

de forma a tentar aproveitar o que conseguia, tentava absorver tudo o que podia. Mesmo assim, o que interessava era ter o suficiente para passar à próxima fase, e dessa forma estar mais próximo do que seria um marco na minha vida. Voltar é por vezes um pensamento de alívio, no entanto voltar sem um plano, a pensar que se desistiu, é assustador.

No momento em que escrevi as linhas finais deste relatório, percebi que esse pensamento serviu de pilar para todas as minhas decisões, mesmo que de uma forma subtil.

A vontade de perceber o que estava errado com a Guarda não apareceu do nada, visto que meses antes de me inscrever no mestrado, não a possuía. Esta vontade começou, quando uma escolha teve de ser feita. E, depois desse momento, as restantes decisões foram todas encaminhadas para esse sentido. Se uma coisa era certa, então iria aproveitar o que podia, para não voltar sem um plano.

Graças ao conhecimento que a minha licenciatura me proporcionou interpretei essa personagem bastante bem: coloquei-me no estado mental dessa *persona*, falei e comportei-me exatamente como era suposto, até que ao chegar à Guarda, depois de todo o estudo, depois de toda preparação que coloquei em prática para aqui chegar, essa atitude foi subtil e vagarosamente desaparecendo, e o “chão” me foi sendo retirado.

O que eu achava que queria deixou de fazer sentido, a razão para eu voltar, embora persistente, ia lentamente desaparecendo devido à falta de informação – algo que eu achava que seria fácil de arranjar, devido a toda a importância que a cultura estava a ganhar, mas que, a custos próprias, aprendi ainda estar fechada a sete chaves, e escondida atrás de uma cortina de frases decoradas na escola dos politicamente corretos.

A verdade é que, agora percebo, o quanto irreal os meus objetivos eram.

Seriam precisos mais do que 3 anos para conseguir modificar alguma coisa. Seria preciso quase uma vida inteira para isso – e mesmo assim ainda iríamos conseguir ficar atrás de tudo. Uma perseguição digna de um quadro branco, e linhas coloridas para ligar eventos, pessoas, culpados, para no fim se perceber que não há realmente nada que uma pessoa possa fazer.

Existem muitas coisas erradas na Guarda, mas isso existe no país todo e há que seguir duas opções: tentar tudo para tudo mudar, fazendo disso uma obsessão; ou ter esperança. É complicado dado o mundo que temos; é dificultado pelo que vemos – atitudes tomadas, consequências ignoradas, ou simplesmente passadas a alguém sem culpa – mas se assim não, for ninguém vai fazer a diferença.

Usar “fogo contra fogo”, embora alguém ganhe, a quantidade de estragos colaterais não compensam. Usar “fogo contra água”, nem sempre resulta, porque mesmo quando a água ganha, será outro elemento a governar e a aproveitar o seu momento ao sol.

Nós existimos através do balanço de todos os elementos. O equilíbrio é necessário no mundo, e sempre foi: *Yin* e *Yang*, branco e preto, luz e escuridão, o karma. No entanto, dono e posse, rico e pobre, influenciador e influenciado, rei e escravo, presidente e povo, são coisas que por nós inventadas, não construídas a partir do equilíbrio natural das coisas, mas sim de uma ilusão que se inventou para nos sentirmos mais seguros no mundo em que vivemos.

A ideia de balanço e de união é criada em nós desde crianças através de todos os desenhos animados que vimos. Fomos treinados para acreditar nisso.

A comunicação é o segredo de todas as coisas, de todas as relações. Isso cada vez mais as pessoas já sabem e fazem, mas continuam a fazê-lo “às cegas” porque lhes falta o mais importante: a empatia.

A vida não é uma série, ou um filme. Não devíamos começar confrontos simplesmente por intolerância, porque um final feliz nunca está pré-escrito na vida real. Olhar para o nosso bem-estar é humano e instinto de sobrevivência, até os animais o têm. Não é só a inteligência que nos separa dos animais irracionais, mas também a capacidade de empatia. Perceber que alguém está mal, e conseguir ajudá-lo, entender que muita gente não está no mesmo degrau que nós e, portanto, não consegue ver o total da paisagem, é gratificante. Quando formos capazes de nos colocar nos “sapatos do outro”, e ter a coragem de descer do nosso patamar, para ajudar outros a subir, aí sim, estaremos no caminho realmente de um mundo melhor.

Ontem, durante um passeio durante a noite, percebi que havia um poste de publicidade bem no caminho para um dos mais importantes parques da cidade. Foi colocado lá depois da remodelação da rotunda. Quando olhei, vi um cartaz de uma companhia que não conhecia publicitando, de uma forma bem visível, um espetáculo do Teatro Municipal de Guarda. Não é a situação ideal, não vai compensar pela falta de distribuição que ainda existe, no entanto é um começo. Continuei a dar o meu passeio, com uma ideia de que embora ainda haja um longo caminho pela frente, talvez nem tudo esteja perdido, e um dia, quer eu esteja presente ou não, as decisões certas venham a ser tomadas. É verdade, não podemos obrigar as pessoas a irem ao teatro. E esse é um grande

problema, mas é aí que a esperança entra e não nos podemos esquecer de que ela é a última a morrer, mesmo que por vezes não pareça.

Bibliografia:

- Assis, Maria de *et al.* (2017) *10x10 Ensaio entre a Arte e Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castro, E., Lopes, A. (2011) *O Conforto Térmico Urbano e o Ordenamento do Território na Cidade da Guarda: Utilização dos Sistemas de Informação Geográfica e da Geoestatística*. Engenharia Civil, número 40.
- Coll, C., Alemany, I., Marti, E., Majós, T., Mestres, M., Goñi, J., Gallart, I., Giménez, E. (2000). *Psicologia do Ensino*. Artmed Editora.
- Ferreira, J.C., Strecht, A., Ribeiro, J.R., Soeiro, A. e Cotrim, G. (1999). *Manual de agricultura biológica – Fertilização e protecção das plantas para uma agricultura sustentável*. 2ª Edição, AGROBIO. Lisboa.
- Ghadiri, D., Vergara, S., Davel, E. (2007). *Administração com Arte: Experiências Vividas de Ensino-Aprendizagem*. Atlas.
- Gomes, Rui Telmo *et al.* (2009) *Democratização Cultural e Formação de Públicos: Inquéritos aos “Serviços Educativos” em Portugal*.
- Rodrigues, Américo *et al.* (2010). *Caminhos. Sinais. Sentidos. [TMG 2005-2010]*;

Webgrafia:

- Acesso Cultura (2016) *DEBATE O que é o elitismo na cultura?* Acedido a 1 de setembro em:
https://acessoculturapt.files.wordpress.com/2014/01/20161115_resumo_elitismo.pdf e https://acessoculturapt.files.wordpress.com/2018/01/20171121_o-que-e-o-elitismo-na-cultura.pdf;
- Andrade, F. (2017, 16 de Janeiro). A formação do gosto musical. Acedido a 25 de Agosto 2019, em: <http://www.collectorsroom.com.br/2017/01/a-formacao-do-gosto-musical.html>;
- Bissoli, M. (2014, Março 10) *Desenvolvimento da Personalidade da Criança: O Papel da Educação Infantil*. Acedido a 28 de Agosto, em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n4/1413-7372-pe-19-04-00587.pdf>;
- Época Notícias Online (2018) *A melhor idade para aprender uma nova língua, segundo estudo*. Acedido a 5 de setembro de 2019, em:

<https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2018/05/melhor-idade-para-aprender-uma-nova-lingua-segundo-estudo.html>;

Garrido, H. (2013, 28 de Março) *A Cultura como bem económico, quem paga?*. Acedido a 10 de Agosto de 2019 em: https://www.jornaldenegocios.pt/economia/cultura/detalhe/a_cultura_como_bem_e_conomico_quem_paga;

Grandes Opções do Plano e Orçamentos de 2018 (acedido online em: http://www.mun-guarda.pt/web/viewer.html?file=/conteudos/PublishingImages/Documentos/Financieiro/2018_Orcamento.pdf;

Lusa (2017, 10 de Julho) *Guarda quer ser Capital Europeia da Cultura em 2027*. Acedido a 26 de Agosto de 2019, em: <https://www.publico.pt/2017/07/10/local/noticia/guarda-vai-candidatar-se-a-capital-europeia-da-cultura-em-2027-1778536>;

Jornal do Fundão (2019) *Ligação pedonal coberta inaugurada esta semana no TMG*. Acedido a 12 de setembro de 2019, em: <https://www.jornaldofundao.pt/guarda/ligacao-pedonal-coberta-inaugurada-esta-semana-no-tmg/>;

Matoso, Rui (2019) *A insustentável leveza do municipalismo cultural*. Acedido a 27 de Outubro de 2019, em: <https://www.publico.pt/2019/10/22/culturaipsilon/opiniao/insustentavel-leveza-municipalismo-cultural-1890791>;

¹Portal Online da Câmara Municipal da Guarda, *Teatro Municipal da Guarda*. Acedido a 30 de agosto de 2019 em: <https://www.mun-guarda.pt/Portal/conteudo.aspx?SS=conteudos&Lista=Est%C3%A1ticos&ID=42>;

Serra, C. (s.d) *Carnaval abasileirado? Não, obrigado!*. Acedido a 20 de outubro de 2019 em: http://jmg.mun-guarda.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=64

Stigar, R. (s.d) *A Estética E O Padrão Do Gosto Em David Hume*. Acedido a 10 de setembro 2019, em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_4226/artigo_sobre_a-estetica-e-o-padrao-do-gosto-em-david-hume;